

Caracterização dos erveiros(as) e das plantas sagradas vendidas nas feiras livres de Salvador

Maria Aparecida José de Oliveira¹

Andreia Oliveira de Sant'Ana^{1**}

Maria Lenise Silva Guedes ^{1***}

Lidia Maria Pires Soares Cardel^{1****}

Sem folha não existe orixá: ko si ewe, ko si Orixá
(GUEDES et al., 1985)

RESUMO: Muitas das plantas utilizadas nos rituais afro-brasileiros têm suas raízes fortemente estabelecidas nos costumes tradicionais africanos. As folhas têm uma importância vital para o povo do santo, sem ela é impossível realizar qualquer ritual (“Sem folha não existe Orixá”). Este trabalho objetivou caracterizar os erveiros(as), levantar quais são as folhas mais vendidas para fins ritualístico nas feiras livres de Salvador-Bahia-Ba. A pesquisa foi realizada, por meio de entrevistas estruturadas, a escolha dos feirantes teve como critério ser vendedor (a) de folhas em feiras livres e estar presente na barraca no instante da entrevista. Os dados indicam que 61% dos entrevistados são homens, 46% declararam-se negros, 77 % deles declaram ser católicos e apenas 15% dos entrevistados declaram ser do candomblé, uma indicação que ser vendedor das folhas (erveiro/a) não significa ser adepto de religião de origem africana.

PALAVRAS-CHAVES: plantas ritualísticas, afro-brasileira, feiras livres, educação ambiental.

ABSTRACT: Many of the plants used in african-brazilian rituals have their roots strongly established in traditional african customs. The leaves are very important to people of African religions. Without

1 ^{*}Doutora em Ciências Biológicas/Botânica, Mestre e Graduada em Ciências Biológicas, Instituto de Biologia - Universidade Federal da Bahia: Laboratório de Sementes e Desenvolvimento Vegetal. E-mail: aparecid@ufba.br.

^{**}Especialista em Gestão Ambiental, Graduada em Farmácia e Licenciada em Ciências Naturais, Secretária da Educação do Estado da Bahia: Projeto de Monitoramento, Acompanhamento, Avaliação e Intervenção Pedagógica. E-mail: andreia.santana@educacao.ba.gov.br.

^{***}Mestra em Taxonomia Vegetal e Fitossociologia, Graduada em Ciências Biológicas, Instituto de Biologia - Universidade Federal da Bahia. E-mail: mlguedes2003@yahoo.com.br

^{****}Doutora e Mestre em Antropologia Social, Bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia Social e Cultural e Licenciada em Sociologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal da Bahia: Núcleo de Estudos Ambientais e Rurais. E-mail: lcardel@uol.com.br

them is impossible to perform any ritual (“without leaf there is no Orixá”). This study aims to characterize the herbalists and make a survey of the most used leaves. The survey was conducted through structured interviews. The street market workers had to be a seller of leaves in street markets and be present at the tent on the time of interview to be part of the survey. The data indicates that 61% of respondents are male, 46% declared blacks, 77% of them claim to be Catholics, and only 15% of respondents claim to be Candomblé, an indication that being a salesman leaves (herbalists) does not mean being adept of African religion.

KEYWORDS: ritualistic plants; African-Brazilian; fairs; environmental education.

INTRODUÇÃO

A utilização das plantas para os diferentes fins é uma das atividades mais antigas da humanidade, praticada através dos tempos por todas as culturas. As plantas sempre estiveram presentes na vida dos seres humanos. Esta relação é devido, principalmente, aos múltiplos usos das espécies vegetais (CARDEL et al., 2012), como alimentos, medicamentos, matéria prima para a construção e vestimenta, entre outros usos. No Brasil o uso das plantas medicinais e ritualísticas é resultante da influência cultural dos indígenas locais e das tradições africanas, oriundas do tráfico de negros escravizados por colonizadores europeus e da cultura europeia trazida pelos colonizadores (ALMEIDA, 2011).

Salvador é a capital brasileira com mais de 70% dos seus habitantes afrodescendentes, a cidade mais antiga do Brasil, fundada em 1549. Neste período, chegaram os negros de diferentes nações. As religiões de matriz africana, como o candomblé (religião dos negros iorubas, jeje, Hauçás e Minas), a natureza é a essência das curas para os males espirituais, assim, os adeptos desta religião tem uma relação de reverência à natureza, ou seja, a base das religiões de matriz africana é a natureza, e isto determina a relação de respeito com a terra, com a água, com os animais e também com as folhas (BRAGA, 1997).

Para os iniciados nesta religião, existe um conhecimento sobre o cultivo e a preservação das plantas e preparo dos banhos de purificação, entre outros usos. Este conhecimento adquirido é repassado de geração a geração, dos idosos para os iniciados, oralmente, instruindo-os a respeitar os costumes, a natureza e as plantas. A folha tem uma importância vital para o povo do santo, sem ela é impossível realizar qualquer ritual, assim o termo do povo do

santo: “ko si ewe, ko si Orixá”, ou seja, “sem folha não existe Orixá” (GUEDES et al., 1985). Segundo Verger (2005), a planta é a coisa mais importante no candomblé, pois ela é utilizada na iniciação. A natureza faz parte da cerimônia como nos banhos para ter o axé, a força que está dentro das plantas.

Na cidade de Salvador existe em torno de 1165 terreiros do candomblé, sendo que a maioria dos terreiros se estabeleceu próximo a fragmentos de matas, devido à relação que estes têm com as plantas, principalmente por ser o local onde os iniciados fazem a coleta das folhas consideradas sagradas. Entretanto, a maioria das espécies consideradas sagradas não é mais encontrada nas matas próximas aos terreiros, devido principalmente ao desenvolvimento urbano desordenado na cidade de Salvador, que tem reduzido constantemente os fragmentos da vegetação. Em virtude disso, uma das alternativas utilizada é o cultivo das plantas em quintais ou sua obtenção em outros locais, como barracas populares e feiras livres, vendidas pelos erveiros(as). Os erveiros(as), indivíduos que adquirem de agricultores e extratores as plantas com finalidade de revendê-las nas feiras livres, tem em suas barracas folhas, raízes, sementes e cascas que são comercializadas para diferentes fins: medicinal, uso em banhos, ebós e outros propósitos ritualísticos (ALMEIDA, 2011). Entretanto, muitos adeptos da religião afro-brasileira declaram acreditar que “folha de feira não é a mesma coisa, tem que ser natural, tem horário, sol, frio, pedir licença”. Orientação esta que não se sabe se são respeitadas pelos coletores das plantas para a venda nas feiras livre.

Assim, o objetivo deste estudo foi caracterizar o perfil dos erveiros(as) e sua percepção ambiental em relação as folhas vendidas, bem como levantar as plantas mais vendidas para fins ritualístico nas feiras livres de Salvador, Bahia.

METODOLOGIA

Foram selecionadas 18 feiras da cidade de Salvador, no entanto, a pesquisa foi realizada em apenas oito (Tabela 1), nas demais não se obteve sucesso devido à recusa dos feirantes ou a ausência deles no local. A metodologia empregada para a coleta dos dados foi por meio de entrevistas estruturadas e semi estruturadas (TRIVIÑOS, 1987).

Primeiramente foi realizada a entrevista estruturada para traçar o perfil do erveiro(a): etnia, religião, escolaridade e percepção quanto ao meio ambiente. No segundo momento foi realizada a entrevista com o seguinte conteúdo: quais as espécies mais vendidas, a forma de uso, parte da planta usada, nomes populares,

informação referente ao local de coleta. A escolha do erveiro(a) foi aleatória, sendo considerado como critério de escolha ser vendedor ou vendedora das folhas nas feiras livres (Tabela 1).

Tabela 1. Localização das feiras livres de Salvador-BA.

Feiras	Localização
Itapua	Travessa Xangô
Jardim Cruzeiro	Rua Rezende Costa
Japão	Rua Gonçalo Coelho, Liberdade.
Periperi	Rua das Pedrinhas
Plataforma	Rua Antônio Balbino
São Cristovão	Praça da Matriz
São Joaquim	Avenida Oscar Pontes, Água de Meninos.
Tancredo Neves	Rua Pernambuco

A outra etapa da pesquisa consistiu em realizar visitas nos terreiros de Salvador, sendo possível o agendamento em três terreiros de nações diferentes. Nos demais não conseguimos o agendamento. Estas entrevistas foram realizadas com o intuito de confirmar as informações fornecidas pelos erveiros(as) sobre o uso das plantas, visto que os representantes dos terreiros são os verdadeiros conhecedores do uso das plantas nos rituais religiosos. O tema da conversa permeou sobre quais as principais plantas que são usadas para fins ritualísticos.

Os dados obtidos foram analisados quantitativamente e qualitativamente por meio dos resultados apurados das entrevistas realizadas entre os erveiros(as), erveiras e ogãs. Sendo em seguida plotados em gráficos e expressos em tabelas. As plantas mais citadas foram adquiridas para identificação dos nomes científicos, por especialista do Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia e por meio de pesquisas bibliográficas. Para análise dos dados botânicos, organizou-se uma tabela com os nomes populares, famílias, origem e hábitos das espécies mais citadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização dos erveiros(as)

As feiras livres são potencialmente os locais da distribuição dos produtos oriundos da agricultura familiar e de outros produtos,

provenientes de diferentes locais da cidade, tanto os produtos industrializados como os artesanatos locais e os oriundos dos vegetais.

O resultado obtido das entrevistas nas oito feiras de Salvador (Tabela 1) mostra que 61% dos erveiros(as) são homens e 39% são mulheres. Entretanto, este dado aparentemente não reflete a realidade, visto que os erveiros(as) afirmam que existe um número maior de mulheres vendendo ervas. Esta diferença, segundo informações dos feirantes, é atribuída ao fato das mulheres permanecerem nas feiras apenas nos primeiros horários de funcionamento. As erveiras coletam as ervas e vendem aos feirantes, onde permanecem até aproximadamente 07h30 da manhã. Após este período vão para seus pontos habituais de venda em outras feiras de Salvador ou vendem as folhas que restam, por um preço abaixo do valor real aos feirantes de São Joaquim (o maior distribuidor de folhas da cidade de Salvador) e, posteriormente, retornam para seus municípios de origem para realizar seus afazeres domésticos.

A informação obtida em relação a etnia revelou que 46% dos entrevistados se declararam negros, 23 % pardos e brancos (cada) e 8% índios (Figura 1). Destes, 89% dos que se declararam negros ou pardos afirmaram sua preocupação com a natureza, enquanto apenas 33% dos que se declararam brancos afirmaram sua apreensão sobre a retirada das plantas. Segundo Crespo (2003), a etnia é um fator que faz diferença quando se observa o comportamento de homens e mulheres em relação ao ambiente.

Porcentagem por Etnia dos indivíduos entrevistados

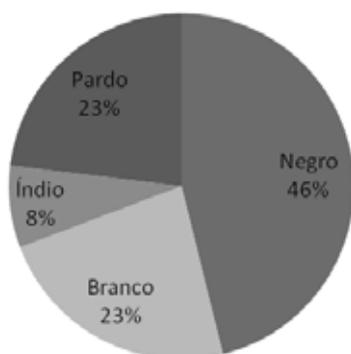


Figura 1: Porcentagem dos indivíduos por etnia nas feiras livres de Salvador.

A coleta de informações referente à escolaridade foi a parte mais constrangedora de se obter, 46% não apresentaram resposta (Figura 2). Um dos vendedores informou na sua fala: “nunca fui à escola. A rua foi minha escola”. A pesquisa mostra que 8% são analfabetos declarados. A escolarização afirmada tem um percentual de 38% com Ensino Fundamental incompleto e apenas 8% dos erveiros(as) entrevistados possuem nível médio, sendo estes os que apresentam maior interesse e respeito com as questões ambientais.



Figura 2: Porcentagem dos indivíduos por escolaridade nas feiras livres de Salvador.

Quanto à religião, a maioria dos erveiros(as) se assumem como católicos (77%), apenas 15% se declaram como sendo da religião do candomblé (Figura 3). Esta maior porcentagem de indivíduos declarados católicos pode estar relacionada com a questão histórica da igreja católica, que nomeava o afrodescendente com nomes cristãos. Estes eram batizados, caso contrário seriam considerados como pagãos, e deveriam cultivar a religião católica, visto que os rituais africanos eram tidos como atividade satânica. No entanto, sua fé aos deuses de sua religião original foi mantida disfarçada nas danças e cantos que eram realizadas em louvor aos santos católicos (SILVA, 2000). Gomes, Dantas e Vasconcelos (2008) verificaram em seus estudos certa confusão entre os seguidores da religião afro-brasileira para definir qual a sua verdadeira religião. Acredita-se que esta dificuldade se dê devido ao sincretismo religioso que se formou, ao misturar as crenças da religião católica do Brasil com

os rituais das religiões africanas trazidas pelos negros durante o período da escravidão.

Porcentagem por religião dos indivíduos entrevistados

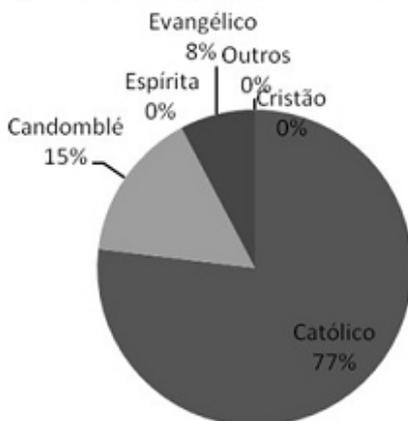


Figura 3: Porcentagem dos indivíduos por religião nas feiras livres de Salvador.

Em relação aos locais de coleta, 23% dos entrevistados(as) informaram possuir hortas ou canteiros particulares e não plantam espécies arbóreas em seu quintal. Este é um dos fatores que contribui para a sobrecarga de coletas do ambiente natural. Em contrapartida, todos os terreiros de candomblé visitados, como o “Jeje”, “Casa Branca” e “Tanuri Junsara”, possuem áreas, com grande diferença no tamanho, e com uma enorme variedade de espécies de plantas utilizadas nos cultos afro-brasileiros.

Em relação a preservação ambiental verificou-se que a preocupação com o ambiente é mínima entre os erveiros(as) entrevistados, 40% das mulheres demonstraram não preocupar-se com o ambiente, já os homens 12,5% não tem inquietação com o fato. Um dos erveiros(as) entrevistados, que não se preocupa com o ambiente, chegou a afirmar que: “tira hoje, amanhã já renovou”. Outro comentou: “Quanto mais tira melhor, porque vai renascendo”. Este fato leva-nos a acreditar que os erveiros(as) entrevistados não se preocupam com o ambiente, porque não percebem os problemas ambientais relacionados à coleta das folhas.

A população afrodescendente, adeptos do candomblé, seguindo os preceitos da sua religião segue o caminho inverso à destruição. Os mesmos possuem uma relação de respeito extremo com a natureza

e se encontra fortemente incutida em seus rituais. Por meio da oralidade e dos exemplos dos mais experientes são passados os conhecimentos necessários aos iniciados.

Na véspera de se ir à mata, não se tem contato sexual de espécie alguma, dorme-se em uma esteira, pela madrugada toma-se banho, muda-se roupa limpa e leva-se o seguinte para o mato: uma garrafa de mel de abelhas, um cachimbo de barro, um pedaço de fumo de rolo, um dente de alho, uma garrafa de cachaça, farofa de mel, farofa de dendê, três ou sete velas e sete moedas. No momento de entrar na mata, bate-se com a cabeça no chão pedindo licença a Ossaim, e cantam-se três cantigas para Ossaim, fazendo a oferenda do que se leva, pede-se licença três vezes para tirar as folhas; durante o período do preceito não se fuma e não se conversa (PORTUGAL, 1987, p.12).

Esses iniciados observam, conhecem, aprendem e repetem as ações realizadas pelos adeptos mais antigos. Assim, o primeiro passo para a proteção do ambiente é torná-lo conhecido, mostrar como ele é constituído e como se reproduz.

Levantamento das espécies sagradas vendidas nas feiras

Sabe-se que o uso e o comércio de plantas são estimulados pela necessidade da população na busca de produtos naturais, seja para a alimento, medicinal ou função ritualística. No caso da cidade de Salvador-Ba, onde existem muitos adeptos da religião de origem africanas, existem tanto nas ruas como nas feiras a barraca dos erveiros(as), pessoas que comercializam plantas para finalidade ritualística. Segundo os relatos, o caule e as folhas são partes da planta mais usadas para os rituais, que, conseqüentemente, são as mais colhidas no ambiente. As folhas são usadas para diversos fins: como banhos, rezas, sacudimentos, entre outros. Verger (2004) destacava que entre os vegetais, há aqueles cujas propriedades terapêuticas associadas aos seus usos mágicos tornaram-se consagrados pelo uso popular e ninguém mais questiona nada quando são recomendados a usá-los em defumações, banhos, oferendas, infusões ou chás.

A importância conferida às folhas demonstra a vinculação entre a ritualística das religiões afro-brasileiras e os elementos naturais nelas presentes (ALMEIDA, BARBOSA; SANTANA, 2012). Vários estudos apontam as folhas com propriedades medicinais e curativas, devido, principalmente, a presença das diversas substâncias do seu metabolismo secundário, como terpenos, alcaloides, fenólicos, óleos

voláteis (LOPES; GOBBO-NETO, 2007). Por exemplo, no caso do guine ou amansa-senhor, a folha desta planta era empregada pelos antigos escravos do Brasil no preparo de uma poção mágica, ministrada aos senhores, visando proteger as mulheres negras do assédio sexual (CAMARGO, 2007). A planta da arruda (*Ruta graveolens* L) é considerada planta mágica na Europa e na África, usada em rituais de proteção, principalmente, contra o mau olhado em crianças. Estudos demonstram que nas folhas estão o princípio ativo, com a presença de flavonoide rutina, óleos essenciais, entre outros, e na medicina tradicional pode ser usada como antisséptico, estimulante, analgésico e antiparasitário (MUÑOZ et al. 2007).

O resultado obtido, após as entrevistas, mostra que 53 plantas diferentes são comercializadas para fins ritualístico. Entretanto, 10 espécies de plantas foram as mais citadas como as mais vendidas para cultos ou rituais afro-brasileiros (Tabela 2). Deste modo, vamos concentrar nossos estudos nestas plantas. Das plantas mais mencionadas, 64% das citação são para as plantas de nome popular “abre caminho”, “quebra feitiço” e “vence tudo” (Tabela 2). Segundo os adeptos ao Candomblé estas plantas têm características e hábitos diferentes, logo sua retirada do ambiente deve ser feita seguindo os cuidados conhecidos pelos Ogãs. “Ossayn” ou “Ossaim” é o orixá que indica as folhas e ervas próprias para curas medicinais e mágicas das doenças (GUEDES et al., 1985). Há divindades naturais cujas vibrações e irradiações energéticas se condensam nos vegetais. Estas vibrações e irradiações só nos alcançam por meio das partes dos vegetais, como as folhas e flores, por exemplo, que são condensadores perfeitos das vibrações e irradiações energéticas de uma classe de divindades vegetais (SARACENI, 2005). Para o atendimento de uma situação espiritual e/ou para atender a um caso de cura por doença material é necessário atenção com hora e dia da coleta de parte da planta indicada (ALMEIDA, BARBOSA; SANTANA, 2012).

Nome popular	Nome científico	Família	Origem	Hábito
Quebra feitiço	<i>Myrcia sylvestris</i> (G.Mey.) DC.	Myrtaceae	Nativa	Arborea
Capianga/lacre	<i>Vismia guianensis</i> (Aubl.) Choisy	Hyperacaea	América do sul	Arborea
Murici	<i>Byrsonima sericea</i> D.C.	Malpigiaceae	Nativa	Arbusto
Arruda	<i>Ruta Graveolens</i> L.	Rutaceae	Europa	Herbaceae
Guiné	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Phytolacaceae	América tropical	Herbaceae
Água de elevante munda	<i>Mentha citrata</i> L.	Lamiaceae	Europa	Herbaceae
Arcoíra	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	Anacardiaceae	Nativa	Arborea
Guarana/ coarana	<i>Cestrum Axillare</i> Vell.	Solanaceae	América/ Brasil	Arbusto
Desata nó	<i>Miconia mianiflora</i> (Bonpl.)DC	Melastomataceae	América do Sul	Arborea
Quebra feitiço/ embiriba	<i>Xylopia sericea</i> St. Hil.	Annonaceae	Nativa	Arborea

Tabela 2. Nomes populares, científicos, famílias, hábitos e origem das espécies mais vendidas nas feiras, Salvador/Ba.

Segundo os relatos, as folhas sagradas vendidas nas feiras livres da cidade de Salvador são oriundas de diversos municípios da Bahia e do Sergipe. Além disso, a cadeia produtiva das folhas para fins ritualístico tem um coletor das folhas, sendo que este passa para o vendedor, que diariamente leva a feira de São Joaquim, onde distribui (vende) para os erveiros(as) da cidade de Salvador. Os erveiros(as) vendem nas diversas feiras e mercados de Salvador para o consumidor final (pessoas da terra que acreditam na cura dos males espirituais por meio das folhas e dos orixás). Nesta cadeia produtiva as pessoas envolvidas não são necessariamente da religião de origem africana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No grupo pesquisado (erveiros/as) verificamos a presença de ambos os sexos, embora, no período da manhã seja mais frequente a presença de mulheres nas barracas. Existe a mistura das etnias entre os erveiros(as), sendo a maioria de negros declarados. É perceptível a dificuldade dos entrevistados em discorrer sobre sua escolaridade. Outra observação, relevante foi o fato de que para ser erveiro(a) não precisa necessariamente pertencer a religião africana, parecendo ser mais uma opção de renda familiar, do que uma questão religiosa.

A preocupação com a reposição das espécies na natureza e com sua conservação não foi uma prioridade para os entrevistados, parece que existe um pensar: quanto mais se retira as folhas, mais a natureza repõe. No entanto, não acontece o mesmo com o adepto do candomblé, que tem nos seus iniciados, uma preocupação com a manutenção das folhas nas áreas verdes próximas aos terreiros.

Neste estudo, é possível concluir que as principais espécies vegetais vendidas estão relacionadas com as questões da “limpeza espiritual” e do “descarrego”. As folhas sagradas vendidas nas feiras livres da cidade de Salvador são oriundas de diversos municípios, indicando que a cadeia produtiva das folhas para fins ritualísticos tem o coletor, que passa para o vendedor, que diariamente leva a feira de São Joaquim, onde distribui para os erveiros(as) da cidade. Os resultados revelam a importância dos quintais e fragmentos das matas na cidade para a atividade dos erveiros(as), assim como a busca da população por purificação por meio das folhas representadas nos orixás.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. S.; BARBOSA, A. S.; SANTANA, S. Conhecimento e uso de Plantas Medicinais da Cultura Afro-Brasileira pelos moradores da comunidade da Fazenda Velha no Município de Jequié-Ba. **Veredas da História**, [online]. Ano V, 2. ed., 2012. p. 27-39.

ALMEIDA, M. Z. **Plantas medicinais**. 3. ed. Salvador-Ba: EDUFBA, 2011.

BRAGA, J. Nação Queto. In: **II Encontro das Nações de Candomblé**. Centro de Estudos Baianos Afro-orientais da UFBA. Programa “A cor da Bahia” Fundação Gregório de Matos, Câmara dos Vereadores de Salvador. Salvador/ Ba, 1997. p. 21-26.

CAMARGO, M. T. L. de A. Contribuição etnofarmacobotânica ao estudo de *Petiveria alliacea* L. - Phytolacaceae (“amansa-senhor”) e a atividade hipoglicemiante relacionada a transtornos mentais. **Dominguezia**, v. 23. n 1, 2007, p. 21-27. Disponível em: <<http://www.dominguezia.org/volumen/articulos/2313.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2014.

CARDEL, L. M. P. S.; OLIVEIRA, M. A. J.; GUEDES, M. L. S.; et al. O uso das plantas e o saber tradicional em três comunidades Ribeirinhas do Rio São Francisco. **Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, v. 1, 2012, p. 128-151.

CRESPO, S. Uma visão sobre a e evolução da consciência Ambiental no Brasil nos anos In: TRIGUEIRO, A. **Meio Ambiente no Século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. p. 59-73.

GOMES, H. H. S.; DANTAS, I. C.; VASCONCELOS, M. H. C de. Plantas medicinais: sua utilização nos terreiros de umbanda e candomblé na zona leste de cidade de Campina Grande-PB. **Revista de Biologia e Farmácia**. v. 3, n. 1, 2008, p. 110-129. Disponível em: http://sites.uepb.edu.br/biofar/download/v3n1-2008/PLANTAS_MEDICINAIS.pdf. Acesso em: 23 abr. 2014.

GUEDES, R. R.; PROFICE, S. R.; COSTA, E. L., et al. Plantas utilizadas em rituais afro-brasileiros no Estado do Rio de Janeiro - Um ensaio etnomobotânico. **Rodriguésia**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 63, 1985, p. 3-9. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/per144398/per144398_1985_037_063.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2014.

LOPES, N. P; GOBBO-NETO, L. Plantas medicinais: Fatores de influência no conteúdo de metabólito secundário. **Química Nova**, v. 30, n. 2, 2007, p. 374-381.

MUÑOZ, D. K.; LONDOÑO, J. A. L.; ARANGO, G. J. A., et al. Efecto de la técnica de extracción de ruta graveolens sobre la actividad antitirosinasa y correlación entre la inhibición enzimática, el contenido de compuestos fenólicos y la citotoxicidad. **Vitae**, Medellín, v. 14, n. 2, jul. 2007, p. 71-77 Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-40042007000200010&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 29 ago. 2014.

PORTUGAL, F. **Rezas: folhas, chás e rituais dos orixás**. Folhas, sementes, frutas e raízes de uso litúrgico na umbanda e no candomblé com uso prático na medicina popular. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S.A, 1987.

SARACENI, R. **Tratado Geral de Umbanda: Compêndios simplificado de Teologia de Umbanda, A Religião dos Mistérios de Deus. “As chaves interpretativas”**. São Paulo: Editora Madras, 2005.

SILVA, V. G. **As religiões na história:** Candomblé e Umbanda- caminhos da devoção brasileira. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VERGER, P. F. **Ewé:** o uso das plantas na sociedade iorubá. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.